CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO
Bacharelado em Artes Visuais, Pintura, Gravura e Escultura

GIULIA PETRELLI

NEURASTENIA:
Relações entre identidades antropofágicas

SÃO PAULO
2017

GIULIA PETRELLI

NEURASTENIA:
Relações entre identidades antropofágicas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao

Bacharelado em Artes Visuais, Pintura, Gravura e Escultura

do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo

como parte dos requisitos para a obtenção

do grau de Bacharel em Artes Visuais,

sob a orientação da Profª Me. Luciano Zanette

SÃO PAULO
2017

Resumo

O trabalho propõe a reunião de pensamentos teóricos e poéticos que buscam introduzir a noção de construção do ser sensível contemporâneo abordada no contexto da obra, a partir de textos de caráter sociopolítico. Penso que as esculturas expostas carregam valores visíveis da construção da cidade, bem como do pensamento, evocando caráteres psicanalíticos da contemporaneidade uma vez que são construídos a partir da soma de materiais de diversas naturezas. A montagem e exposição implicam questões particulares sobre o desenvolvimento e resultado do trabalho.

Palavras-chave: Escultura, Identidade, Contemporaneidade, Ser sensível, Acúmulo.

NEURASTHENIA:

Anthropophagic identities' relationship

Abstract

The paper proposes, in it's starting point the gathering of poetic theoretical thoughts that introduce the idea that composes the ethos of the work out of socio-political texts. The sculptures carry visible values of every city's construction and unfolds psychoanalytic character that builds the contemporaneousness, since they are rearer from different materials addition. The installation and exhibition implies particular matters about the development and results of the work.

Key words: Sculpture, Identity, Contemporaneity, Sensitive being, Accumulation.

Introdução

Tendo desenvolvido experiências artísticas desde a infância, relembro o primeiro momento em que tive contato com o desenho técnico, apresentado pelo meu avô que teve sua formação mercadológica iniciada no desenvolvimento de imagens para anúncios de produtos em agências de publicidade. A vontade de desenhar surge a partir de um quadro que, até hoje se encontra pendurado no canto esquerdo da sala de estar da casa dele. A imagem representa uma paisagem campestre que traz uma casinha laranja à margem de um rio que corre. Uma ponte atravessa o rio logo atrás de uma árvore vermelha que se posiciona em pé frente à casa. Outra árvore, bem maior do que a primeira, toma conta do canto direito, deixando apenas um pedaço da montanha e do céu azulado à mostra. No centro do quadro, uma casa maior aparece ao longe sobre a planície. Me detenho na árvore que quase não cabe dentro do quadro, pensando quão alta me apareceria se estivesse de baixo dela, quantas ramificações segurariam as folhas que estavam mais no alto. Diante do pedido de instrução, meu avô, pacientemente, se senta no chão, me mostrando de onde partia a construção do desenho. Seguindo as orientações comecei o tronco que subiria à primeira folha rabiscada no papel, uma a uma – recomeçando inúmeras vezes até que toda a árvore se preenchesse de folhas. O momento me inseriu dentro do quadro, e a sensação bucólica de estar na mesma paisagem que via, alterava minha paciência e a percepção do tempo me parecia confusa quando desenhava ramificações infinitas. O maravilhamento daquele instante permanece em mim até hoje. Toda a matéria-prima que eu necessitava estava contida nessa lembrança, que com frequência volta aos meus pensamentos enquanto produzo.[1]

O interesse pela biologia me levou a explorar através da pintura e do desenho diversos desdobramentos que aos poucos me mostraram a desconstrução da imagem e a assimilação entre conexões cerebrais e raízes de plantas, a partir daí minha iniciação artística acadêmica se desdobrou para o entendimento funcional do corpo humano, tendo colecionado, desde a adolescência até o momento atual, vinte livros de estudo onde produzi diversos desenhos das estruturas internas humanas.

A partir do segundo ano do curso de Graduação em Artes Visuais no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, me foquei em estudos independentes, através do grupo online *Asemic Writing: The New Post-Literate* onde pude entrar em contato com artistas do mundo todo, entre eles Terri Witek e John McConnochie, que me apresentaram os poemas visuais de Tim Gaze e Jim Leftwich e assim me aprofundei em assuntos que envolviam a capacidade

[1] Proposta de reescrita do texto “Peso” do escultor norte-americano Richard Serra, publicado no livro *Richard Serra – Escritos e entrevistas* (1967-2013).

cognitiva humana, explorando estruturas cerebrais de indivíduos que possuem a doença Asemia, causada pela degeneração das áreas de comunicação, impedindo a fala, escrita e compreensão imagética, criando a minha própria língua asemica, que consiste na mudança de posicionamento e torção das letras dentro da construção das palavras. A partir da filosofia, semiótica e semiologia explorei a linguagem escrita partindo de Platão, Aristóteles, Hegel, Nietzsche, Michel Foucault, Jean-Paul Sartre, Kant, Ferdinand de Saussure e Charles Sanders Peirce, abrangendo assim questões sobre como o significado de palavras pode ser individual e independente para cada ser humano, desenvolvendo trabalhos que exploraram o assunto em diversas linguagens, entre elas a gravura, onde compreendi mais profundamente a estrutura do desenho.

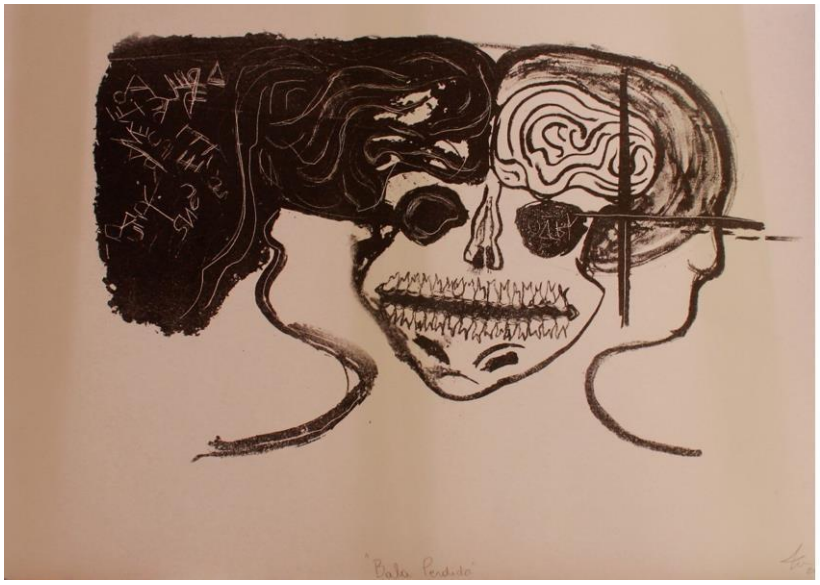
Sobrevivente,
2016

Dimensões do papel Canson, 180g: 59cm x 42cm
Dimensões da mancha: 40cm x 29cm

Litogravura/tusche com água/terebintina, crayon nº4/5 e maneira negra

Tiragem: 4

Fig. 1



Bala Perdida,
2016

Dimensões do Papel Layout, 180g: 31,2cm x 44cm
Dimensões da mancha: 22cm x 35cm

Litogravura/tuche e crayon

Tiragem: 4

Fig. 2

O OBJETO
2016
(part. álbum Cicatrizes)

30cmx30cm
gravura em metal, água tinta e ponta seca

A CONSTRUÇÃO
2016
(part. álbum Cicatrizes)

30cmx30cm
gravura em metal, água forte, água tinta e ponta seca

O ENTENDIMENTO ABSTRATO
2016
(part. álbum Cicatrizes)

30cmx30cm
gravura em metal, água tinta e ponta seca

Fig. 3, 4 e 5

O tema central da pesquisa se desenvolve a partir de todos os estudos mencionados anteriormente e se desenrola na obra *Neurastenia: Relações entre identidades antropofágicas*. Compreendendo o ser humano contemporâneo a partir analises psicossociais que tem como base principal o livro *Sociedade do Cansaço* de Byung-Chul Han.

Levando em consideração apontamentos que definem, segundo Han no começo de seu livro, o sujeito pós-moderno como aquele afetado pelo momento viral e sujeito contemporâneo aquele afetado pelo momento neural, o pensamento que cerca esse sujeito contemporâneo é muito mais solitário e afastado do que o sujeito pós-moderno pois pretende analisar a si mesmo a partir de fragmentos deixados pelo moderno e pós-moderno. Acreditando que o sujeito pós-moderno possa ser, antes de tudo, desencantado pelo resquício

do modo de ser moderno pois encontra em seus pensamentos e ações resíduos da modernidade. O *Ser* contemporâneo, deixa de ser sujeito no momento em que não se enxerga como tal e prefere aparentar *ser* algo ou alguém, visa reconhecer-se diante de toda a informação acumulada de outras épocas e, por isso, habita o limbo de múltiplas personalidades deslizantes a fim de encontrar o seu lugar no mundo atual.

Assim sendo, tomo como partida a diferenciação entre o sujeito e o ser. Reaprender a lidar com todos os vazios existenciais que permeiam o pensamento constantemente construtivo acerca de si mesmo, leva o ser contemporâneo a analisar crenças pessoais que podem acabar com o recém descoberto encanto pela vida. Uma vez que o entendimento sobre si o atinge, só cabe a ele querer se compor ou recompor a partir das deformações que carrega. A contemporaneidade exige que nos reformulemos a todo momento, buscando um estado "espiritual" estável que nos possibilite a melhor organização psicológica possível para que nós possamos, como indivíduos, nos desenvolver gradativamente.

Exploração do tema que estruturou o entendimento da construção da obra

Durante o processo de desenvolvimento do trabalho a sensibilidade do corpo que procuro atrela-se materialmente ao que chamei de "dureza maleável" que habita o ser humano. Tal dureza aparece na capacidade do corpo externo (físico) em se modificar arbitrariamente pelo espaço, enquanto que o corpo interno (emocional, espiritual), demora a adaptar-se a qualquer novo estimulo descoberto.

O corpo sensível 3, 2017
O corpo sensível 2, 2017
O corpo sensível 5, 2017
O corpo sensível 9, 2017

Fig. 6, 7, 8 e 9

A partir do desdobramento artístico, onde o fazer compreendeu uma violência primordialmente física, que acompanha o trabalho até a sua conclusão, o principal elemento material do trabalho foi traçado - sendo este o arame de metal - no momento em que se moldou ao corpo que o preenchia, estruturando-o, o impediu de ter uma resposta autônoma e livre.

Neste momento, o projeto girava entorno de informações que se acumulam e reconstroem o ser que as recebe, portanto, pensar na sensibilidade que o corpo contemporâneo carrega ao lidar com o acumulo de informações que é exposto digitalmente e a veracidade com que essas informações são absorvidas, pude perceber que tais informações interferem no corpo externo apenas na medida em que se modifica como pode, visualmente, acarretando grandes consequências sobre o corpo interno, que abrange a psique do indivíduo.

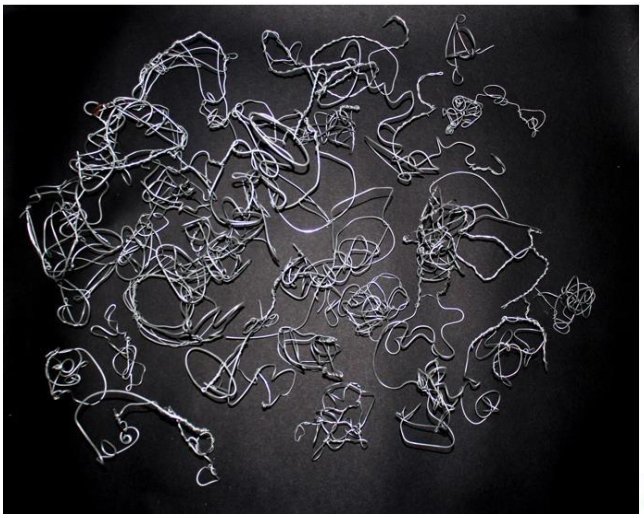
Notando que o acumulo de informações impede que o ser sensível cresça de forma autônoma, fazendo com que, desnorteado, o corpo se molde de forma efêmera, não possuindo apenas uma forma, já que precisa de espaço para a nova informação que acaba de chegar, a todo o momento, o fazer em massa de "signos-textos" intitulados *Letras-Abjetos*, apareceu como um desdobramento necessário para a compreensão do que Byun-Chul Han aponta como esgotamento mental, uma vez que a técnica mecânica acontecia paralelamente à absorção de áudios e vídeos de palestras que abordam o ser sensível moderno, compreendendo ideias críticas abordadas no canal do YouTube do Café Filosófico (programas de 2011)[2].

---

[2] Estratégias para a vida, Zygmunt Bauman, Luiz Felipe Pondé, Franklin Leopoldo e Silva, Frank Usarski e Caterina Kolta <https://www.youtube.com/watch?v=IyhOBYoBnsU&list=PLkLKBPkrwviCwmBGPDLdQpixczWnGY613&index=4> Acesso em abril 2017
O conhecimento como o maior dos afetos, André Martins <https://www.youtube.com/watch?v=meuiDdg_LiI&index=6&list=PLkLKBPkrwviCwmBGPDLdQpixczWnGY613> Acesso em abril 2017
Reinvenção dos vínculos, Fabrício Carpinejar <https://www.youtube.com/watch?v=3JXxW3IOeg4&list=PLkLKBPkrwviCwmBGPDLdQpixczWnGY613&index=8> Acesso em abril 2017
Pós-modernidade, justiça e filosofia, Amartya Sen, Simon Blackburn e Fredric Jameson <https://www.youtube.com/watch?v=huyUqPvT7Qs&list=PLkLKBPkrwviCwmBGPDLdQpixczWnGY613&index=5> Acesso em abril 2017
A Filosofia para um novo tempo, Luc Ferry e Jorge Forbes <https://www.youtube.com/watch?v=Nifnd8C0WmQ&list=PLkLKBPkrwviCwmBGPDLdQpixczWnGY613&index=3> Acesso em abril 2017
Espaço, tempo, mundo virtual, Marilena Chauí <https://www.youtube.com/watch?v=4Qj_M6bnE-Y&list=PLkLKBPkrwviCwmBGPDLdQpixczWnGY613&index=2> Acesso em abril 2017

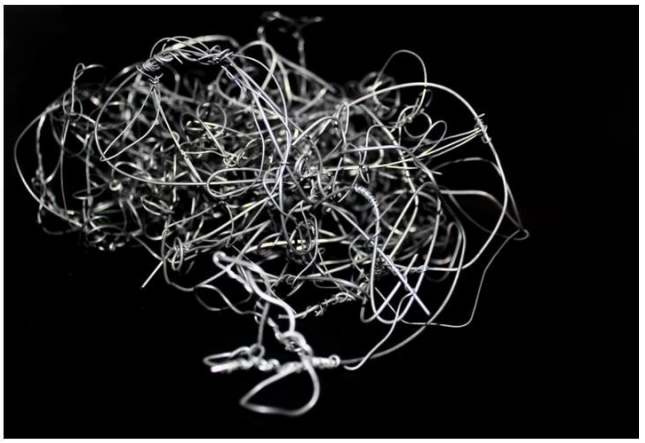
Letras-Abjetos, 2017

Fig. 10



Letras-Abjetos em acumulo I, 2017
Dimensões variáveis

Fig. 11



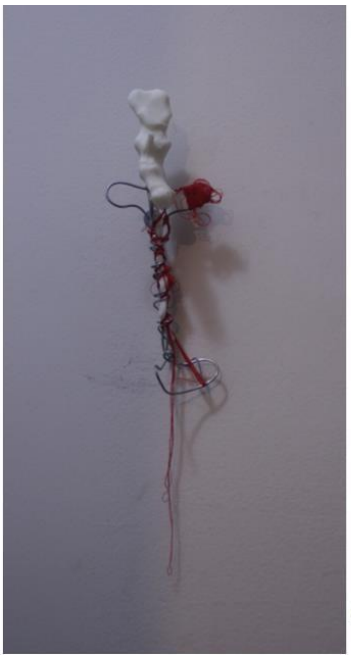
Letras-Abjetos em acumulo II, 2017
Dimensões variáveis

Fig. 12

O desdobramento do objeto percebe que o corpo sensível foi atrelado ao significado de que o sistema nervoso capacita receber, transmitir, elaborar e armazenar informações. Coloca-se em questão a tensão que compõe a situação quando a construção de um ser frágil que, por ser conectado a informações que não o pertencem, pode dar lugar a outra fragilidade - que por ser desconhecida, torna-se "ameaçadora" – sendo essa o cuidado com a essência que acompanha cada indivíduo social.

Sendo o desenvolvimento tecnológico o grande impulsor da comunicação em massa e assim sendo, da criação do ser sensível, novos objetos surgem a partir da imobilidade do corpo. Desta vez atrelando o arame à informação moldável, a cerâmica plástica, ao corpo, e a linha de costura vermelha (fluída) à visceralidade do indivíduo. O metálico pretendeu mensurar a prisão de um corpo "maquinário" e tecnológico que habita o interior humano. A massa consistente, biscuit branco, compreende à impenetrável natureza do ser que, apesar de preso e fragmentado, mantem a deficiente "razão" – representada como rostos magros e alongados, que se englobam na falta de nutriente vital – mesmo que sustente a veracidade sentimental, através da massa de linhas vermelhas, que resgata a falta do nutriente vital que o compõe como parte do próprio corpo.

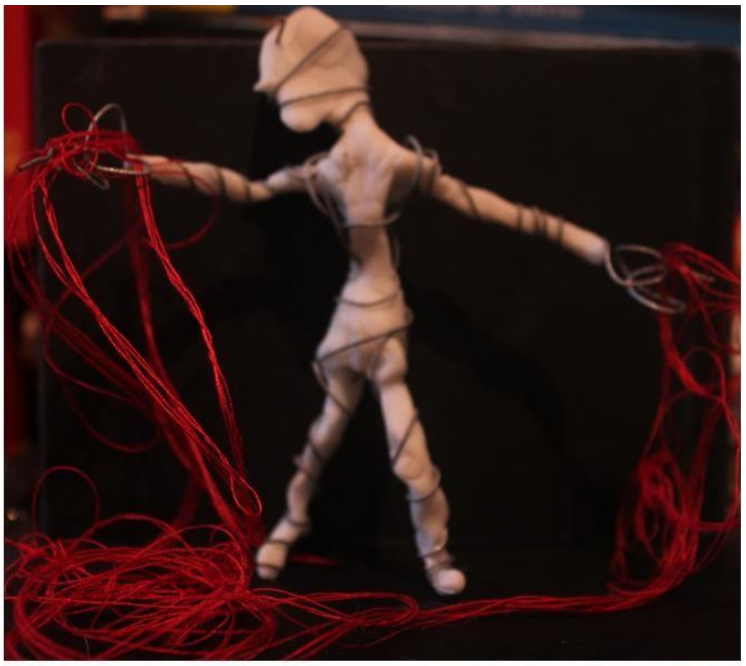
Acumulado de quê?, 2017
36 x 8,5 x 5 cm



Impossibilitado de voar, 2017
20,5 x 7,6 x 5,2 cm

Fig. 13 e 14

Nas entranhas o que praticas, corpo?, 2017
23 x 6 x 9,5 cm



Diminuído pelo exterior, 2017
10 x 11 x 1 cm

Fig. 15 e 16

Na tentativa de traçar a representação mental do corpo coletivo, deparo-me com questões individuais que acabam por tornarem-se indivisíveis para a pesquisa desenvolvida. Pulsões, fantasias, impulsos, percepções, relações e experiências que moldam a imagem corporal – que por sua vez, está em transformação dinâmica – seguindo o fluxo constante de atualizações da vida, possuem impacto notável na construção dos seres sensíveis. Concretiza-los de acordo com o caráter processual, geralmente lento – uma vez que o tempo se torna

crucial para a construção – faz com que a ideia de coletividade oriente as decisões materiais que compreendem a construção das esculturas.

Natureza dos materiais e procedimentos

Os elementos que constroem *Neurastenia* constituem-se a partir do arame de metal, malha de aço (tela de mosquiteiro), espuma de poliuretano expandido, tala gessada, gesso em pó, cimento cola, compensado, tinta preta e plantas vivas. As esculturas medem em torno de um metro de altura, por um metro de largura, variam entre 10 a 40 centímetros de profundidade e carregam plantas vivas no topo; se interligando por meio da malha de aço que, compreendem a formação interna, mas não necessariamente visível, das esculturas – j ssim como as ligações de sinapses – que aparecem em ligações neurais, sejam estas orgânicas (no ser humano), ou eletrônicas (em inteligências artificiais). Medindo 170 x 104 x 197 cm, a obra é permeada por *poemas momentâneos* escritos em preto e pretendem aproximar a pichação característica da cidade de São Paulo. Construídos a partir de letras contorcidas que pertencem à língua asemica que criei no início de minha produção artística os poemas recebem o nome de *momentâneos*, pois, escritos na hora, acabam por se tornarem adereços visuais quando a leitura se torna quase impossível.

A construção interna da obra consiste na malha de aço e o arame de metal, que compreendem a parte "moldável" das esculturas, justamente pela natureza do material que não é nem tão rígida, nem tão maleável, mas que mantem o ser de pé, num eixo, como um ponto de equilíbrio, sendo esta a primeira instância do ser humano - que é, posteriormente, preenchido por poliuretano expandido, sendo equivalente à informação que o ser em construção recebe mas, que nem sempre se adequa ao formato do seu corpo sensível - e que, por fim, se engessa num comportamento social que é fadado a adotar a fim de pertencer a certo grupo social que, depois, se torna concreto, quando se finaliza justamente pelo cimento cola, seguindo as características estruturais de construções da cidade. A base feita, a partir de compensado coberto por cimento cola, apresenta uma forma orgânica contínua que une o universo de *Neurastenia*. Ainda, no topo das esculturas, plantas vivas residem a fim de compreender a essência natural de cada ser como individual, a partir de pesquisas que atingem o significado individual de cada uma.

As esculturas que constituem a obra interpretam quatro personalidades distintas, sendo baseadas principalmente no afastamento do fazer prático, na introspecção, na corrupção e falta de autonomia mental causada pelo excesso de informações, dissociando o corpo político e social do envolvimento interno necessário para que a aceitação pessoal aconteça. Por isso,

levando em consideração a construção de cada escultura individualmente, as mãos e os pés representam, respectivamente, o fazer e o enraizamento do ser sensível que, visualmente, apresentam-se pelo distanciamento, forma e aproximação da realidade, de acordo com a natureza de cada ser sensível proposto, tendo como base conceitual poemas de Florbela Espanca que usam como conotação a fragilidade e desnutrição de extremos "longínquos e esbranquiçados".

Numa proposta de revitalização conforme a obra mudar de lugar para lugar e o entendimento sobre a essência se transformar, as plantas variam entre as que podem sobreviver em ambientes internos ou com pouca luz e as que necessitam de arejamento e luz direta, condizendo com a natureza da personalidade de cada escultura. Pretendendo percorrer um ciclo vital, onde as plantas aparecem no topo das esculturas, essas começam vivas e completam seu desgaste durante o tempo de exposição.

O Visco, sendo parte da essência de *Esquálido*, é uma planta com uma longa tradição que vem desde os antigos druidas, uma vez que para eles era sagrado; um bem para todo o mal físico ou mágico. Entre outras propriedades, atribuía-se o poder da proteção e cura, de forma mágica, além de ser considerado um símbolo de paz e um poderoso amuleto de proteção. A Samambaia Bailarina, parte da essência de *Egrégio* e descende da língua tupi; são plantas vasculares, ou seja, não produzem sementes – reproduzem-se por esporos, que dão origem a um indivíduo de vida curta (o protalo), que por sua vez produz gametas para dar origem a uma nova planta. A Aloe Succotrina, popularmente conhecida como Babosa, parte da essência de *Sisudez*, são nativas do norte de África e possuem mais de 200 espécies catalogadas, mas apenas 4 espécies são seguras para uso em seres humanos; sua seiva pode ser muito perigosa, pois possui em sua composição a tetratodorixina que, se passada em um local sem proteção pode causar inflamação e queda de pele, causando reações dolorosas. O trevo de quatro folhas representa a essência de *Corruptela*, sendo a planta que traz a simbologia da esperança, fé, amor e sorte, das quatro fases da lua e das quatro estações do ano, além de apontarem o equilíbrio pela forma de cruz que carrega; os filósofos da Mitologia Celta acreditavam que quem encontrasse o trevo teria a sorte dos deuses e os poderes da floresta; no Tarot o trevo simboliza obstáculos e dificuldades que possam surgir ao longo da vida.

Dimensões poéticas: a sensibilidade psicossocial contemporânea e captação de significado

A psicologia analítica de Carl Gustav Jung expande sua teoria utilizando temas como mitologia, cultura e literatura, religião e alquimia, interessando-se por adotar analogias entre

os efeitos psíquicos desses temas nos homens apropriando-se de ferramentas como expressões artísticas que vão além do discurso verbal, encontro o termo *imaginação ativa* - já utilizado por alquimistas, consistindo numa interação com os conteúdos do inconsciente através de sua personificação - que deu origem ao método da *caixa de areia*, onde o sujeito pode manusear a areia seca ou molhada para a criação de cenários que envolvam um ambiente ao mesmo tempo livre e protegido, proporcionando o diálogo entre consciente e inconsciente, ativando o desenvolvimento da personalidade.

Numa aproximação conceitual trago como referência artística a exposição "O corpo é a casa", de Erwin Wurm. O artista austríaco desloca elementos do cotidiano para o campo da arte em suas obras, a partir da reconfiguração de objetos familiares como casas, carros, roupas e alimentos para um contexto inesperado, engraçado e ao mesmo tempo crítico em relação à sociedade contemporânea, apresentando uma "série de trabalhos que discute o corpo humano não apenas a partir do físico, mas também de suas camadas psicológicas e espirituais. Para o artista, a casa é parte do nosso corpo: ela é uma espécie de pele que nos protege, assim como o carro ou a roupa."[3]

Tendo a noção intrínseca da situação que compõe o cotidiano do ser sensível, torna-se quase indispensável que o seu corpo se comporte como a casa, sendo esta onde todos os medos, inseguranças, certezas, efemeridades psíquicas e entendimentos abstratos residem. A intenção de produzir um corpo que repele o olhar pela forma incomum e suja, quando se caracteriza material e visualmente à cidade, relaciona a ideia de que tratamos o nosso corpo como o ambiente onde o nosso psicológico se desenvolve, confiando nele toda a projeção que construímos ao proteger o nosso ser sensível. As deformidades dos objetos finais correspondem à inaptidão de lidarmos com tais sensibilidades, uma vez que sem a exploração de nossos problemas, estes remanescem presos e imutáveis diante da velocidade cotidiana, a qual abala a atenção do ser para com ele mesmo, destacando a presença de palavras pela obra.

Marcia Tiburi fala em seu livro "Ridículo Político, uma investigação sobre o risível, a manipulação da imagem e o esteticamente correto", sobre o nojo e coloca:

> "Nojo é uma categoria que está no limiar da estética como espaço da sensibilidade. Por meio do nojo, chegamos aos limites da compreensão dos fenômenos tornados abjetos, que são do reino do insuportável. O nojo é impalatável, um verdadeiro desgosto e, ao mesmo tempo, uma espécie de anestesia. O nojo nos cancela. Por esse caminho, temos que nos perguntar: por que a política se tornou da ordem de uma abjeção? Se lembrarmos que nojo também significa luto, chegamos perto do nosso problema maior: continuar amando aquilo que perdemos e, na ilusão de que a repulsa garantirá um sofrimento menor diante da perda, acabamos por odiar." (TIBURI, 2017, p. 12)

[3] http://culturabancodobrasil.com.br/portal/erwin-wurm-o-corpo-e-casa/ - acesso em 02 junho 2017

Considerando que todos os seres participantes da polis assumem caráter político, não podemos deixar de pontuar o modo como o afastamento sociocultural no momento atual da sociedade brasileira torna seus habitantes mais suscetíveis a propagação de informações massificadas sem teor crítico considerável, fazendo com que o entendimento de assuntos como a sensibilidade interna e pessoal sejam abalados.

Analisando o indivíduo sensível contemporâneo, encontro a fala do filosofo italiano Franco Berardi, que se baseia na metáfora, "mutação antropológica", que Pier Paolo Pasolini, cineasta, escritor e poeta italiano utilizava para ilustrar os efeitos psicossociais produzidos pela transição de uma economia de origem agrária e industrial para outra, de corte capitalista e transnacional. Não muito longe, devo me atrever, aos efeitos psicossociais presentes nos dias atuais, que, segundo Berardi aparece "diante da situação de 'precariedade existencial' e aumento de transtornos mentais que as mudanças *neoliberais* provocaram", acreditando que o motivo de tanta insensibilidade tenha sido causado pela extrema competitividade.

> " (...) assim como a maioria dos atos violentos produzidos nos últimos anos, os assassinatos em massa ou os atentados suicidas radicais – estão estreitamente vinculados às condições de hipercompetição, subsalário e exclusão promovidos pelo ethos neoliberal. Sugere que ao analisar os efeitos que a economia de mercado tem em nossas vidas, devemos também incorporar um elemento novo e transcendente: o modo como os fluxos informativos acelerados a que estamos expostos por meio das "novas tecnologias" influem em nossa sensibilidade e processos cognitivos."[4]

Berardi explica que ao substituirmos os corpos por tela, a incerteza de que o mundo seja algo carnalmente concreto o torna puramente fantasmal, atrelando a ideia que Byung-Chul Han, em seu livro *Sociedade do Cansaço,* encontra na fala de Baudrillard sobre a genealogia da inimizade, quando inimigo social passa para o quarto estágio e complique a forma com que nos defendamos do mesmo pois esse surge como um "inimigo fantasma, que se estende sobre todo o planeta, como um vírus, que em geral se infiltra e penetra em todas as fendas do poder" (HAN, 2015, p. 18) e se "instalam no sistema como células potenciais terroristas, e buscam minar o sistema a partir do interior" (HAN, 2015, p. 19). Uma vez que um padrão de comportamento é traçado, deparamo-nos com a teoria de Berardi, de que exista hoje o "nativo digital", aquele que possui o entendimento crítico altamente afetado pela velocidade de informações hoje geradas online, a superprodução e a troca rápida de informações.

---

[4] (BERARDI, Franco. Os transtornos mentais provocados pelas mudanças neoliberais. Pragmatismo Político, 2017 <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/02/transtornos-mentais-provocados-neoliberais.html> Acesso em 22 de março de 2017

> "McLuhan escreveu que quando a simultaneidade substitui a sequencialidade — ou seja, quando a afirmação se acelera sem limites — a mente perde sua capacidade de discriminação crítica, passando daquela condição a uma neomitológica. [...] O verdadeiro problema é que as mentes individuais e coletivas perderam sua capacidade de discriminação crítica, de autonomia psíquica e política."[5]

Ao pensarmos no corpo como a estrutura de uma máquina funcional, que abriga a sensibilidade esquecida do ser humano, encontraremos a dualidade de sentido que existe em tudo o que nos habituamos a fazer através do tempo moderno. A análise psicossocial que Han aborda, considera principalmente a dualidade entre negatividade e positividade como os aspectos psicológicos contemporâneos herdados da época moderna no ser humano atual, que esqueceu-se de sua parte individual para atuar principalmente no coletivo, ativando arduamente o fazer mecânico que ressalva épocas imunológicas e virais, dando lugar ao neural, por isso o autor põe em pauta uma sociedade que vai além da sociedade disciplinar de Foucault, apontando a sociedade do século XXI como uma "sociedade do desempenho", onde atuam não mais "sujeitos da obediência", e sim "sujeitos de desempenho e produção", reproduzindo os sintomas neurais que compreendem o afastamento da assimilação:

> "(...) Em tempos de carestia, a preocupação está voltada para a absorção e assimilação. Em épocas de superabundância, o problema volta-se mais para a rejeição e expulsão. A comunicação generalizada e a superinformação ameaçam todas as forças humanas de defesa" [...] A violência da positividade que resulta da superprodução, superdesempenho ou supercomunicação já não é mais "viral". [...] A rejeição frente ao excesso de positividade não apresenta nenhuma *defesa imunológica*, mas uma *ab-reação neural-digestiva*, uma rejeição. Tampouco o esgotamento, a exaustão e o sufocamento frente à demasia são reações imunológicas. Todas essas são manifestações de uma violência *neural*, que não é viral, uma vez que não podem ser reduzidas à negatividade imunológica." (HAN, 2015, p. 15-17)

Byung-Chul discorre, ainda, sobre as interrelações humanas a partir da dissecação da teoria da violência de Baudrillard, que aponta a "violência viral, aquela da rede e do virtual" (HAN, 2015 p. 17) como "Uma violência da aniquilação suave, uma violência genética e de comunicação; uma violência do consenso" (HAN, 2015 p. 17) onde, o "excesso de positividade, precisamente como células cancerígenas, através de uma proliferação infinita, excrescência e metástase" (HAN, 2015 p.17-18), deixa de atuar na sociedade contemporânea quando a violência não mais parte do "outro imunológico" e sim está intrínseca ao sistema, portanto a violência neural (que compreende doenças psicológicas como depressão, TDAH ou SB), toma a característica de não estranheza e passa a atuar como uma "violência *sistêmica*"

[5] (BERARDI, Franco. Neoliberalismo, assexualidade e desejo de morte. Outras palavras, São Paulo, 2017 <http://outraspalavras.net/posts/neoliberalismo-assexualidade-e-desejo-de-morte/> Acesso em 22 março 2017)

(HAN, 2015 p. 20), ativadas justamente pela “massificação de positividade”, “devido ao *excesso de igual*.” (HAN, 2015 p. 21), onde nos habituamos, principalmente, ao fácil acesso ao compartilhamento de informações a reprodução massificada de informações, na maioria das vezes não prestando atenção à fonte ou origem de tal informação repassada. Muito disso se dá pela considerada eficácia da multitarefa, que elimina a noção de assimilação do dia-a-dia na pressa de propagar informações cujo número de compartilhamentos ou *likes* vale mais do que a veracidade do que se propaga, sabendo que uma notícia que está “em alta” no mercado das mídias sociais, elevará o conceito de quem a compartilha muito mais do que a veracidade da mesma.

No terceiro capítulo de seu livro, Han destaca que “a multitarefa não representa nenhum progresso civilizatório” (HAN, 2015 p. 31) uma vez que “está amplamente disseminada entre os animais em estado selvagem.” (HAN, 2015 p. 31), quando estes necessitam de diferentes tipos de atenção para se manter alerta: caçar, comer e não ser caçado enquanto come, além de manter o parceiro por perto e cuidar de sua cria. “As mais recentes evoluções sociais e a mudança de estrutura da atenção aproximam cada vez mais a sociedade humana da vida selvagem” (HAN, 2015 p. 32), assim, tratando desempenhos culturais como lugares mentais onde a demanda de uma atenção profunda e contemplativa se desenvolve, a sociedade atual que repele tais momentos de elevação se desfalca e troca cada vez mais o entendimento pela preocupação em sobreviver quando a “atenção dispersa se caracteriza por uma rápida mudança de foco entre diversas atividades, fontes informativas e processos” (HAN, 2015 p. 33), por esse motivo em minhas produções procuro sempre prender a atenção dos espectadores através de palavras e poemas que exigem tempo para assimilação, entendimento e contemplação. Além das letras contorcidas que constroem os *poemas momentâneos* que permeiam a obra em destaque de preto, *Corruptela* apresenta todos os textos que desenvolvi ao longo do processo de criação de *Neurastenia* e compreende sua essência como a de quem se corrompe pelo excesso de informações acumuladas, realizando o contrário da multitarefa, no momento em que me propus a separar um tempo para a deriva para só então pensar e repensar o assunto além dos conteúdos teóricos formais, me permitindo entender a essência humana a partir da poesia de Florbela Espanca em *Antologia Poética* e de Fernando Pessoa em *Livro do Desassossego*, grandes auxiliadores da essência individual de cada escultura.

Corruptela, 2017
40 x 90 x 20 cm

Fig. 17

A compreensão acerca de doenças psicológicas como consequências da falta de interesse do descobrimento interno e individual ultrapassa questões midiáticas atuais que vão muito além da vida virtual que compete a maioria da sociedade, traçando o entendimento central da pesquisa desenvolvida.

O nome escolhido: "*Neurastenia: Relações entre identidades antropofágicas"*, surge da análise de Byung-Chul Han sobre *O Caso Bartleby* – onde Han aborda análises feitas também por Deleuze e Agamben. A novela intitulada *Bartleby, o escriturário: uma história de Wall Street*, "descreve a história de um universo de trabalho desumano, cujos habitantes, todos eles, são degradados a *animal laborans* (animal trabalhador)" (HAN, 2015 p. 59), onde seus personagens trabalham em meio à arranha-céus e são submetidos à prisão dos muros de concreto que bloqueia a vista das janelas, evocando a atmosfera sombria e sem vida do ambiente. Todos os auxiliares do advogado, narrador da estória, sofrem de distúrbios neurológicos - como azáfamas, distúrbios intestinais psicossomáticos, aceleração e ranger de dentes.

> "(...) eles formam um polo oposto a Bartleby, que se cala e fica como que petrificado. Bartleby desenvolve sintomas característicos da neurastenia. Vista dessa forma, a sua fórmula *"I would prefer not to"* não expressa nem a potência negativa do não-para nem o instinto inibitório que seria essencial para o "caráter espiritual" (Geistigkeit). Representa, ao contrário, a falta de iniciativa e a apatia pela qual Bartleby acaba inclusive sucumbindo." (HAN, 2015 p. 60-61)

Bartleby representa um sujeito de obediência e difere-se do ser pós-moderno pois os sentimentos de insuficiência, inferioridade e angústia não fazem parte de suas economias

sentimentais. Não conhecendo autoacusações ou autoagressões, Bartleby não fracassa em ser ele mesmo, uma vez que não se confronta com o imperativo de ser ele mesmo.

> "O que faz Bartleby adoecer é aquele excesso de positividade ou de possibilidade. Ele não suporta o peso do imperativo pós-moderno, de começar a abandonar o *próprio* eu. Copiar é precisamente a atividade que não admite qualquer iniciativa. Bartleby, que ainda vive na sociedade das convenções e instituições, não conhece aquele exagero de trabalho do eu, que leva a um *cansaço do eu* depressivo." (HAN, 2015 p. 62)

Encontrando no personagem características que se assimilam a mudança de estrutura psíquica, a relação entre desdobramentos atuais sobre o distanciamento do eu e o copiar que não demanda qualquer iniciativa crítica tão recorrentes do mundo digital entra em cena. Contemporaneamente, o termo Neurastenia possuí limites muito bem definidos e trata-se de uma síndrome que se caracteriza por sintomas de fraqueza, fadiga física e mental, sensações dolorosas, pressão na cabeça, parestesias, dificuldade de concentração, dificuldade de memória, insônia, irritabilidade, desconforto físico generalizado, distúrbio em algum órgão específico e especialmente perturbações gastrointestinais, no entanto o termo foi utilizado pela primeira vez em 1869 por George Miller Beard, onde o nervosismo, o aumento da sensibilidade e humor depressivo faziam parte do diagnóstico, por isso a palavra por muito tempo atingia campos genéricos e acabou servindo como denominações de doenças como esquizofrenia, epilepsia, histeria, depressão e etc.

Relações entre identidades antropofágicas, por sua vez deriva da fala de Christian Dunker, psicanalista e professor titular do Instituto de Psicologia da USP, em seu livro *A reinvenção da intimidade*, onde o autor explica através de uma entrevista feita para o canal *Nexo Jornal* do *YouTube* que hoje em dia as relações com o outro se estabelecem a partir da relação de consumo, assemelhando-se a relações de empresas. "Ter uma identidade é ter também uma espécie de capital simbólico", assim sendo o nosso modelo de crítica e de informação passa a ser baseado na identidade, o modelo atual de política passa a transformar a identidade do outro a partir da nossa e assim, carregar a destruição gerada a partir de laços sociais tencionados que possuem sintomas paralisantes. Numa relação onde o modelo de concorrência e marketing destrutivo sobressai à criação a partir do diferente, a antropofagia existente no modelo atual de capitalismo pessoal precisa ser reformulada. Ao invés de apossar-se do outro para que a identidade do *eu* se torne "mais forte", devemos analisar novos conceitos que implicam a absorção antropofágica o outro como a dissolução da identidade própria, onde "eu me transformo no outro, e não o outro que se transforma em mim. Enquanto isso não puder articular um projeto de transformação, nós ficaremos nesse choque de

identidades”. O que Dunker aponta como capital identitário condiz com aquilo que é subjacente a uma série de processos pseudo-transformativos.

Exposição e montagem

O sistema de apresentação da obra convida o espectador a observá-la num primeiro momento à distância, sendo crucial o posicionamento da mesma na direção da porta de entrada e, conduzi-lo para perto durante seu percurso natural pela exibição.

Tendo como base essas informações a figuração das esculturas, que parte da destruição interna, carrega visualmente questionamentos sobre a neurastenia silenciosa provocada pelo modelo de relações antropofágicas atuais, questionando também a estética atual. Assim, a opção de que cada escultura possua um nome individual pretende abordar a leitura que abrange além do coletivo, uma vez tratadas individualmente.

A montagem ocorre no local expositivo, devido ao tamanho e necessidade de transporte cuidadoso das esculturas, de uma lona transparente auxilia a locação das placas de compensado que se posicionam de forma a não danificar o piso pois a aplicação de cimento que cobre a base e pequenos retoques na danificação das esculturas acontece no local.

Vista 1

Vista 2

Vista 3

Neurastenia: Relações entre identidades antropofáficas, 2017
170 x 104 x 197 cm

Fig. 18, 19 e 20

Vista 1

Vista 2

Vista 3

Egrégio, 2017
60 x 20 x 10 cm

Fig. 20, 21 e 22

Vista 1

Vista 2

Sisudez, 2017
40 x 40 x 45 cm

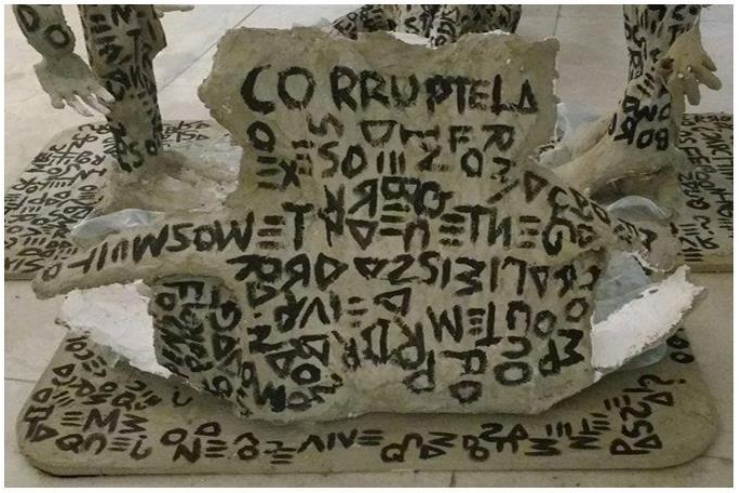
Fig. 23 e 24

Vista 1

Vista 2

Esquálido, 2017
60 x 10 x 10 cm

Fig. 25 e 26



Vista 1

Vista 2

Corruptela, 2017
40 x 90 x 20 cm

Fig. 27 e 28

Considerações finais

Enxergando intrínseco o processo que parte da dor, uma vez que a malha de aço machuca a mão de quem a manipula, e a fragilidade com que as esculturas se constroem e se terminam, o valor atribuído à cada material que acomete as esculturas em suas formas finais se torna indispensável, por mais que não seja acessado pelo espectador. A escolha de materiais acontece pouco a pouco, conforme o olhar de quem habita a cidade entende a construção da mesma como a soma de materiais que a estrutura, assim como as esculturas desenvolvidas, percorrendo um processo lento de assimilação no que trata da sensibilidade humana que visa falar tanto do coletivo quanto do pessoal do indivíduo contemporâneo.

No momento final da construção, sabendo da importância com que todos os materiais foram primordiais para a compreensão do assunto abordado, entendo que outros caminhos poderiam ter sido abordados para o entendimento final da obra. Aprendi a me relacionar de forma mais livre com os materiais escolhidos; o reconhecimento de cada um penetra o fazer de forma clara e objetiva, porém divergindo no tempo que diz respeito a construção de cada peça. O resultado final apresenta esculturas que apesar da aparência brusca são extremamente sensíveis ao toque, se quebrando diversas vezes durante a construção, transporte e montagem da obra, demandando inúmeros reparos que acabam evidenciando o concerto, quase que como um processo de curativo que, em primeira instancia acontece pela tala gessada ao redor da malha de aço e se finaliza pela conjuntura de camadas a mais de cimento em certos lugares, principalmente nos dedos das mãos, nos pés, e no pescoço das esculturas.

A pesquisa continua a fazer parte do caminho que escolho trilhar como artista, levando em consideração que esta seja apenas uma pequena parte de um todo que necessita ser construído e analisado de forma cada vez mais profunda e inteligível. Levantar questões sobre a estética no momento atual da sociedade pretende que o espectador, a princípio, tenda a evitar a obra, mas que se aproxime inevitavelmente devido as obras que a circundam. O acúmulo de informações também tem parte importante no contexto contemporâneo, quando a crítica que procuro se atrela à facilidade com que as pessoas passam direto por tudo o que as rodeia, deixando de lado a atenção necessária que o universo da arte propõe.

Concluindo que a discussão contemporânea é muito mais profunda e delicada do que o tempo de desenvolvimento do trabalho me permite analisar, me retenho a questões sociais no momento atual da minha formação artística e acadêmica, pretendendo continuar a explorar o corpo, o momento e a cidade que habito.

Referências

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cançaso**. Tradução de Enio Paulo Giachinni. 2ª ed. ampliada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. 128 p.

TIBURI, Marcia. **Ridículo político: uma investigação sobre o risível, a manipulação da imagem e o esteticamente correto**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2017. 235 p.

ESPANCA, Florbela. **Antologia Poética**. ed. especial. São Paulo: Martin Claret, 2015.

PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**. 1ª ed companhia de bolso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 559 p.

BELLEI, Fernanda. "Alexandre Costa: valorização do corpo no pensamento contemporâneo", 2009 Disponível em: <http://www.institutocpfl.org.br/2009/01/19/alexandre-costa-a-valorizacao-do-corpo-no-pensamento-contemporaneo/> acessado em 16 abril 17 às 19:46:10

<http://www.fef.unicamp.br/fef/sites/uploads/congressos/imagemcorporal2010/trabalhos/portugues/area3/IC3-36.pdf> acessado em 16 abril 17 às 20:04:16

ALLEONI, Natália. "O sensível na dança contemporânea: Concepção e vivência coreográfica.", 2010. Disponível em: <https://conversearteexpandida.wordpress.com/2008/07/14/site-specific-art/> acessado em 23 maio 2017 às 20:42:37

SILVEIRA, Rafaela. "Principais conceitos da psicologia analítica de Jung". Disponível em: <http://www.apoiopsicologico.psc.br/principais-conceitos-psicologia-analitica-jung/> acessado em 24 out. 2017 às 12:59:42